

A MÚSICA POPULAR E SUA CRÍTICA NO BRASIL: O DIÁLOGO COM A CONTRACULTURA

Alunos: Aluysio Augusto de Athayde Neno- relatório de 2007.1

Orientadora: Santuza Cambraia Naves

Introdução

O trabalho de pesquisa tem por tema a configuração da contracultura no Brasil, privilegiando, dentro de suas diversas manifestações, a música. Assim, cabe estudar a leitura que foi feita do ideário contracultural por artistas que tiveram importância na época, como Caetano Veloso, Jards Macalé, Raul Seixas e Os Mutantes, sem deixar de abordar a Poesia Marginal, de Waly Salomão, Torquato Neto, Cacaso e outros que, de alguma forma, dialogaram com uma estética musical inspirada na contracultura. Além disso, cabe aqui ressaltar toda a importância da leitura dos teóricos norte-americanos da contracultura que, juntamente com os músicos, trouxeram toda a base do movimento internacional.

Objetivos

Traçar um panorama da contracultura no Brasil (envolvendo não só a música, mas também o teatro, as artes plásticas, literatura em geral e o cinema), estudando a filosofia do movimento, seu nascimento nos EUA e seus desdobramentos no Brasil contemporâneo. Além disso, a pesquisa tem o objetivo de estudar temas mais específicos dentro do movimento, como a introdução de uma nova performance pela contracultura e os desdobramentos da ideologia contracultural nos dias atuais.

Metodologia

Neste trabalho será utilizada tanto uma pesquisa bibliográfica quanto musical - não negligenciando também obras literárias importantes da época. A pesquisa bibliográfica abrange livros escritos sobre a contracultura e obras de autores que marcaram essa manifestação, tanto na formulação literária como teórica.

Conclusões

Um dos pontos importantes desta pesquisa é a análise do grande expoente contracultural no Brasil: a Tropicália. O tropicalismo, como um movimento, englobou pessoas das mais diversas áreas como música, literatura, teatro, cinema e artes plásticas. Assim, inspirados na “antropofagia” de Oswald de Andrade e munidos de toda a teoria da contracultura, seus participantes fizeram uma verdadeira revolução nas mais diferentes áreas culturais.

Foi na música que a Tropicália teve seu início, quando Caetano Veloso e Gilberto Gil se propuseram, como diz Augusto de Campos em “A explosão de Alegria, Alegria”, “oswaldianamente”, a “deglutir” o que havia de novo nos movimentos de massa e de juventude e incorporar as conquistas da moderna música popular sem abdicar das raízes das suas composições (nordestinas). Com isso, procuraram livrar, segundo eles, a música brasileira do “sistema fechado” de preconceitos supostamente “nacionalistas” e criavam condições de liberdade para a pesquisa e a experimentação.

Incorporamos a reflexão de Antonio Cicero em “O tropicalismo e a MPB”, que trata dessa revolução musical impulsionada por Caetano. Assim, o autor decorre sobre a chamada “linha evolutiva” defendida pelo compositor em debate promovido pela editora Civilização

Brasileira em 1966. Um dos pontos polêmicos da questão da “linha evolutiva” de Caetano é a discussão sobre a evolução da arte. Uma das críticas que podem ser feitas é a de que não há somente uma linha evolutiva na MPB, já que a música brasileira engloba os mais diversos ritmos e não só do samba a bossa nova. Mas, à essa crítica o autor responde dizendo que Caetano não faz isso supondo que apenas uma linha evolutiva era possível, mas sim porque de fato a bossa nova tinha sido a mais ambiciosa e bem sucedida das utilizações “da modernidade musical...na recriação, na renovação, no dar-um-passo-à-frente da musica popular brasileira”.

Outra crítica feita à “linha evolutiva” de Caetano é a de que este conceito teria um teor evolucionista. Antonio Cícero rebate a crítica dizendo que, na verdade, a linha evolutiva denomina uma evolução técnica no sentido de maior complexificação da estrutura musical, e não no sentido de que uma música seja esteticamente superior ou melhor do que a menos evoluída nesse sentido. Ao afirmar a “linha evolutiva”, Caetano estaria simplesmente se opondo àqueles que combatiam qualquer inovação na música popular.

Outra pessoa importante dentro do contexto contracultural da Tropicália no país foi José Celso Martinez Corrêa, teatrólogo do Teatro Oficina. José Celso foi o primeiro a montar uma peça de Oswald de Andrade, “Rei da Vela”, considerada “altamente revolucionária”, baseada no “teatro de agressão” e tornada um símbolo da contracultura brasileira. Além disso, o Tropicalismo teve outros grandes ícones, como Hélio Oiticica nas artes plásticas e Glauber Rocha no cinema.

Outro tema muito importante na contracultura como um todo é a performance. A performance é uma das marcas de maior originalidade no movimento contracultural e, mais especificamente, no Tropicalismo. Assim, através do levantamento não só de uma bibliografia sobre este tema como também de fontes sonoras e audiovisuais, procuramos observar as características da performance tropicalista do Brasil dos anos 70. Além disso, temos também estudado as raízes do movimento, localizadas tanto nos EUA de meados dos anos 60, com o movimento hippie e as performances dos grandes ícones musicais de festivais como Woodstock e Monterey Internacional Pop Festival quanto no maio de 1968 francês, com a atualização, pelos estudantes universitários, das palavras de ordem associadas à “esquerda”.

Desta forma, observamos, ao longo da pesquisa, como o artista contracultural, ou o “superastro”, se utiliza de toda uma linguagem visual, o que impede que se analise o movimento somente pelo âmbito musical. O movimento contracultural é essencialmente performático e performaticamente original. Podemos citar aqui o crítico literário Silviano Santiago, que nos diz que o “superastro”, ou o artista da contracultura, possui um “corpo que fala”, demonstrando que a música sozinha não possui tanta importância; ela deve ser estudada juntamente com a performance do artista. Assim, para Silviano Santiago, o “superastro” é “deus, é artista, é pessoa: é superior, é diferente, é semelhante. Tudo ao mesmo tempo” (SANTIAGO 2000:146-163). Ou seja, o artista da contracultura desenvolve um estilo de vida que vai além da sua criação artística (música, poesia, teatro, literatura, cinema).

Outro ponto importante é a abordagem do rock brasileiro pós-tropicalista feita por Paulo Henriques Britto. Esse rock nacional, segundo o autor, era diferente do que ecoava no movimento contracultural norte-americano, e diferente das músicas tropicalistas, que possuíam um espírito mais “solar”, com uma atitude mais positiva. Já o rock nacional desta época tinha algo *noir*, pois “o som das guitarras serviu de pano de fundo para as letras que falavam de desespero, fracasso, solidão e loucura”. Era a contracultura se desdobrando de forma diferente, já que era um momento de grande repressão no Brasil com o regime militar e a implantação do AI-5, ou Ato Institucional nº5. Grandes ícones desse rock nacional foram Raul Seixas, Sérgio Sampaio e Jards Macalé.

Além disso, se faz mister citar aqui a questão contracultural dentro de movimentos na poesia no Brasil, como o “Nuvem Cigana”. Esse movimento tinha por base a poesia moderna

falada, a poesia marginal ou “poesia de mimeógrafo”. Foi uma revolução na maneira de se fazer poesia e de se apresentar poesia, já que esse grupo cria uma performance original para a “declamação” das poesias, totalmente contrastante com a poesia paulista concreta. Assim, participaram do “Nuvem Cigana” poetas como Chacal, Ronaldo Bastos e Bernardo Vilhena, entre outros.

Através da pesquisa mencionada, compreendemos a contracultura como um movimento de forte influência em todo o Ocidente, transformando pensamentos, comportamentos e performances artísticas, em suma, modificando arte e vida.

Referências bibliográficas:

- 1 - ROSZAK, Theodore. *Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 2- CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa: antologia crítica da moderna música popular brasileira*. São Paulo, Perspectiva, 1968.
- 3- CÍCERO, Antônio. “O tropicalismo e a MPB” *In Do samba-canção à tropicália*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.
- 4- PEREIRA, Victor Hugo A. “José Celso vira a mesa: a antropofagia, a política e a mídia na trajetória tropicalista”. *In Do samba-canção à tropicália*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003, pp. 215-230.
- 5- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- 6- BRITTO, Paulo Henriques. “A temática noturna no rock pós-tropicalista” *In Do samba-canção à tropicália*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003, pp.191-200.
- 7- COHN, Sergio (org.). *Nuvem Cigana- Poesia e delírio no Rio dos anos 70*. Rio de Janeiro, Azougue, 2007.